Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

A CONTINGÊNCIA NECESSÁRIA: um paralelo entre Bauman e Jonas

Genivaldo do Nascimento Pereira[1]
Everaldo da Silva[2]

RESUMO: O presente trabalho busca fazer um paralelo entre a compreensão de Bauman e Jonas acerca da necessidade de se reconhecer a realidade da contingência (ambivalência) na existência e ação humanas. Dentro do processo de racionalização do mundo Ocidental a contingência foi sistematicamente negada, no intuito de eliminar qualquer tipo de obscurantismo no campo existencial, ético e social. Nesse processo, se buscou mediante uma racionalidade prática e instrumental eliminar, ou na melhor das hipóteses, deixar em segundo plano a ambivalência presente no mundo. Bauman tece duras críticas à racionalização da modernidade. Já Jonas identifica a situação paradoxal na qual culminou a racionalidade moderna. É evidente que não se pretende, no presente trabalho, esgotar toda a produção filosófica dos dois filósofos em questão acerca da temática abordada. Neste trabalho seguimos o objetivo de uma apresentação de caráter geral e introdutório.

Palavras-chave: Bauman; Jonas; Ambivalência; Contingência, Modernidade.

ABSTRACT: Work search Gift Making hum parallel between the Bauman Comprehension and Jonas about the need to recognize the reality of contingency (ambivalence) in existence and human action. Within the Western world of the rationalization process the contingency has been systematically denied without order to eliminate any kind of obscurantism not existential field, ethical and social. In this process it sought Upon a Practical Rationality and instrumental Delete, OR the best chances of leave in the Background to present ambivalence in the world. Bauman weaves harsh criticism of the rationalization of modernity. Already Jonas identifies the paradoxical situation in qua culminated a modern rationality. And evidenced What If not want, in the Present Work, exhausting whole philosophical production of Two Philosophers in question about the theme. In this work we follow the goal of a presentation character General and introductory.

Keywords: Bauman; Jonas; Ambivalence; Contingency, Modernity.

INTRODUÇÃO

Depois dos horrores resultantes do processo de racionalização moderno, tais como as duas Guerras Mundiais, muitos filósofos tematizaram sobre em que consistia o projeto da modernidade e suas consequências. Dentro desse arcabouço duas posições podem ser identificadas: de um lado os que olham com bons olhos, do outro, os que apontam para os

[1] Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: nascimento.genivaldo@bol.com.br
[2] Dr. em Sociologia Política. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. E- mail: prof.evesilva@gmail.com

ricos e limites produzidos pela racionalidade moderna. Bauman e Jonas se enquadram na segunda vertente, ambos apresentam uma visão um tanto quanto negativa da modernidade e nos chamam a atenção para os riscos da mesma na existência humana. Em sua obra filosófica, *Modernidade e Ambivalência*, Bauman, apresenta um diagnóstico do projeto da modernidade. Segundo ele o grande projeto da modernidade consistiu em estabelecer uma ordem social artificial, mediante uma razão esclarecedora. Na prática seria um afastamento sistemático de tudo que fugisse da ordem racional, a contingência seria de todas as formas superadas, ou quando não, seria negada sua possibilidade real. Para Bauman, esse projeto é contraditório, pois aquilo que ele nega, constitui a força que o coloca em movimento, ou seja, a ambivalência (contingência). O mundo é contingente e nós fazemos parte dessa contingência, algo inevitavelmente factível. Se Bauman vê isso em um âmbito mais geral, Jonas o vê dentro do processo de racionalidade científica, de forma mais precisa, na associação da técnica com a ciência – técnica moderna.

Jonas logo na primeira parte de seu livro *O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, apresenta a situação limite que nos levou a racionalização moderna. Ludibriados pelo fascínio das soluções imediatas apresentadas pela técnica aos nossos problemas diários, chegamos ao estremo de nos furtar a lembrança da contingência a pronto de colocar em risco até mesmo a possibilidade da existência. Bauman faz uso dessa constatação na abertura do segundo capítulo de seu livro supracitado. Disso resulta a constatação de que ambos possuem visão convergente no que tange o processo de racionalização da modernidade e suas consequências negativas. O presente trabalho busca apresentar esse paralelo. Para tal o mesmo encontra-se dividido em três partes. Em um primeiro momento será apresentado a visão de Bauman acerca do lugar da contingência na existência. Em seguida será apresentada a análise Jonasiana acerca das consequências da racionalidade moderna. Por fim, far-se-á algumas considerações finais, no intuito de aproximar os dois autores.

Cadernos Zygmunt Bauman
ISSN 2236-4099

ZYGMUNT BAUMAN: a modernidade e a negação da contingência

Na concepção de Bauman o desejo de fugir de toda e qualquer realidade ambivalente constitui uma característica que perpassa toda concepção moderna do mundo. O projeto moderno mostra-se claro quanto a uma tentativa humana de estabelecer um espaço inteiramente humano e sob seu controle. O mesmo parte da ideia de uma razão nomeadora, ou seja, capaz de desvelar tudo aquilo que se encontra velado no reino do natural. Em outros termos seria um processo de desmistificação do mundo.

> A prática tipicamente moderna, a substância da política moderna, do intelecto moderno, da vida moderna, é o esforço para exterminar a ambivalência: um esforço para definir com precisão e suprimir ou eliminar tudo que não poderia ser ou não fosse precisamente definido. (BAUMAN, 1999, p. 15).

A modernidade contrapõe ordem e caos, hipervalorizando a primeira e evitando a qualquer custo a segunda. Isso é feito na tentativa de superar um mundo pensado a partir de um substrato divino. Quando se retira esse substrato nos deparamos com a necessidade de organizar a sociedade, os fenômenos, existência em si tendo outro ponto como referência. Aqui podemos visualizar Kant, no campo da moral e na epistemologia; Hobbes, no campo da sociedade – organização racional da política; Bacon, no domínio total da natureza pelo homem através da aplicação do conhecimento científico. Assim os modernos se constituem os novos responsáveis para dar sentido ao mundo. O legado dos percussores da modernidade, sobretudo o de Bacon, culminou no que usualmente se chama de ciência moderna. Essa nascera com o grande intuito de pôr a natureza a serviço do homem. A visão moderna contempla a natureza como algo caótico e carente de uma ordenação racional. Nela o homem se encontra totalmente entregue ao acaso, algo que inquietaria uma racionalidade iminentemente moderna.

> A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a natureza e submetê-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas "onde nem um homem ousou ir ainda" nuca foi isenta da estimulante visão de controle e administração, de fazer as

> coisas melhores do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir). Com efeito, natureza acabou por significar algo que deve ser subordinado à vontade e razão humana (BAUMAN, 1999, p. 48).

A racionalidade científica constitui o ideal moderno elevado ao mais alto grau. Nela vemos a clara bifurcação entre ordem e caos. Em rápidas pinceladas, vale lembrar que hoje, razão é designada apenas pelo "cálculo utilitário das conseqüências", organizando-se de forma a levar a um objetivo previamente definido. Nesse sentido, Karl Mannheim chama esta razão de funcional, Max Weber de instrumental e Eric Voegelin de pragmática. Essa racionalidade funcional não se pergunta pelos seus pressupostos e nem pelo seu sentido, agindo na esfera do como, sem se perguntar pelo porquê. Isso determina um nível de ação teleológica exclusivamente técnica, interesseira, em que predomina a dominação do sujeito sobre o real; ao sujeito cabe estabelecer os fins e eleger os meios de toda a ação. Weber descreve a burocracia como empenhada em funções racionais, no contexto peculiar de uma sociedade capitalista, centrada no mercado e cuja racionalidade é funcional. (SILVA, 2005).

No sentido antigo, a razão era caracterizada como sendo a capacidade humana de diferenciar o bem e o mal, o falso e o verdadeiro; a partir disso era possível organizar sua vida pessoal e social. Também a razão era permeada por um sentido ético, permitindo o ser humano ter julgamentos inteligentes ou independentes das inter-relações dos diversos acontecimentos de sua vida. A esse tipo de razão Weber chamou de racionalidade de valor, Mannheim de substancial e Voegelin de noética. Segundo Mannheim (1962, p. 63),

> Entendemos como substancialmente racional um ato de pensamento que revele percepção inteligente das inter-relações dos acontecimentos de uma determinada situação. Assim, o ato inteligente de pensamento, em si, será descrito como "substancialmente racional", enquanto tudo o mais que seja falso, ou não seja absolutamente um ato de pensamento (como por exemplo, impulsos, desejos e sentimentos, tanto conscientes como inconscientes) serão denominados "substancialmente irracionais".

Dito isto, Mannheim afirmava que quanto mais industrializada uma sociedade, mas difundida seria a divisão do trabalho e sua organização, aumentando significativamente a

racionalidade funcional, tornando o homem mais previsível (diferente do indivíduo nas sociedades antigas, que agia funcionalmente, em esferas limitadas), sendo que hoje ele é obrigado a agir cada vez mais dessa forma, ou seja,

> A industrialização crescente, na verdade, implica na racionalidade funcional, isto é, na organização da atividade dos membros da sociedade em função de finalidades objetivas. Não promove, nas mesmas proporções, a racionalidade substancial, ou seja, a capacidade de agir com inteligência numa determinada situação à base da percepção própria da inter-relação dos acontecimentos. A racionalização está, segundo Mannheim, destinada a privar o indivíduo médio de reflexão, percepção e responsabilidade, e a transferir essa capacidade aos que dirigem o processo de racionalização (KOPELKE, 1998, p. 20).

Por esse mister, na concepção de Bauman a bifurcação entre ordem e caos constitui a existência moderna por excelência. Mas segundo o mesmo existe uma contradição no projeto da mentalidade, pois aquilo que é posto a margem, que é temido e evitado a todo custo, ou seja, a ambivalência, paradoxalmente, é a força propulsora do processo de racionalização. Daí então decorre que a ambivalência não é tão facilmente desprezível, como nos parece em um primeiro momento. Para Bauman ela é extremamente necessária.

A IMPOSSIBILIDADE DE NEGAÇÃO DA CONTINGÊNCIA

Bauman concebe o projeto da modernidade de buscar a ordem e evitar o caos, ou seja, se desfazer da ambivalência, como uma prática central na ação moderna. Para ele pensar em uma eliminação de tudo que foge a ordem constitui algo problemático, pois o mesmo entende a ambivalência como um elemento intrínseco da existência. Assim aponta-se para a impossibilidade da real efetivação do projeto da modernidade.

> Dentre a multiplicidade de tarefas impossíveis que a modernidade se atribuiu e fizeram dela o que é, sobressai a da ordem (mais precisamente e de forma mais importante, a da ordem como tarefa) como a menos possível das impossíveis e a menos disponível das indispensáveis, com efeito, como arquétipo de todas as outras tarefas meramente metáforas de si mesmo (BAUMAN, 1999, p. 12).

Como já foi mencionado acima aquilo que é negado constitui a força propulsora daquele que o nega. Essa afirmação, inicialmente pode soar como um paradoxo, mas na verdade não se trata disso, ela descreve a posição de Bauman de que a ambivalência é a força que põe em movimento o desejo de ordem. Assim, essas duas realidades - caos e ordem, apesar de teoricamente opostas, na verdade se convergem, isto é, a negatividade da primeira, possibilita a positividade da segunda. Vejamos nos termos Bauman:

> O caos, "o outro da ordem", é pura negatividade. É a negação de tudo o que a ordem se empenha em ser. É contra essa negatividade que a positividade da ordem se constitui. Mas a negatividade do caos é um produto da autoconstituição da ordem, seu efeito colateral, seu resíduo e, no entanto, condição sine qua non da sua possibilidade (reflexa). Sem a negatividade do caos, não há positividade da ordem; sem o caos, não há ordem (BAUMAN, 1999, p. 15).

Como se pode notar, Bauman vai em direção contrária à concepção moderna acerca da ambivalência. Se a modernidade de inspiração iluminista tende a uma negação absoluta da possibilidade de aceitação da ambivalência, por outro lado, o filósofo polonês aponta para uma necessária aceitação da mesma. Essa visão, em um campo mais restrito, pode ser contemplada em Hans Jonas, quando ele trata das consequências da racionalidade científica – ciência associada à técnica – que levou homem moderno a uma situação ainda mais ambivalente do que aquela que se buscou evitar, uma situação paradoxal.

HANS JONAS: a técnica moderna e o desejo de superação da contingência

A crítica feita por Bauman ao projeto de racionalização da modernidade, também pode ser contemplada no pensamento filosófico Hans Jonas. O primeiro cita o segundo na abertura de sua obra *Modernidade e Ambivalência*, na qual o filósofo tece sua crítica à modernidade. Mas se um elabora sua crítica em uma perspectiva macro; o outro se restringe mais ao dado da técnica moderna (*Techné*), no intuído de evidenciar as consequências de uma crença ingênua de que existe uma evolução para um melhoramento sem fim, referendada pela associação da técnica com a ciência.

O termo *techné* é ambíguo e flutuante se analisado na perspectiva da História da Filosofia. Seu estudo, na filosofia aristotélica, deve ser feito com acerto na temática geral que o envolve, uma vez que *techné* se insere na mesma categoria das faculdades intelectuais que os termos *phronesis*, *episteme*, *sophia* e *noûs*. *A techné* não pode ser confundida com as demais. Entende-se *techné* como uma forma de conhecimento que pressupõe conhecimento de causa e disposição de ânimo, aliada a uma atividade poética para a sua operação concreta. Resulta, pois, que, como conceito semanticamente preciso, sua apreensão teórica requer uma detida análise de sua imagem e significação, o que não se faz sem que se prescinda, também, da delimitação de outros conceitos correlatos a esse. A análise, na íntegra, não se restringe a uma investigação de sua dimensão semântica influenciada exclusivamente pelo texto da Poética, de Aristóteles, uma vez que a obra aristotélica pode ser concebida como um sistema, não por sua concepção editorial, mas por sua relativa linearidade conceitual. A compreensão de um texto demanda, assim, esclarecimentos e pressupostos, os quais decorrem de outros textos que o antecedem. (AMORIM; SILVA, 2016).

A *techné* pode ser dita, logo de princípio, um conhecimento (*gnósis*). É um conhecimento que corresponde a uma atividade do espírito; porém, é atividade produtiva e prática. A movimentação produtiva não se exaure. É concebida por meio de uma arte artesanal, sendo causa de movimento que tem um fundamento intelectual, que transporta o pensamento da esfera poética das idéias para o campo produtivo. Daí que, apesar de *gnósis*, a *techné* é uma faculdade que dista substancialmente das demais faculdades intelectuais (*episteme*, *sophia*, *noûs*). (AMORIM; SILVA, 2016).

Jonas elabora sua crítica à modernidade a partir do pressuposto de que o homem ao longo dos anos modificou sua relação com a natureza. Para ele a primeira condição do homem frente à natureza era de total submissão. Nesse contexto, as cidades constituem um pequeno equilíbrio dentro de outro bem maior; a técnica era considerada neutra, no que diz respeito em ser vista potencialmente como algo que pudesse comprometer a existência, pois em sua inexpressividade era incapaz de causar um dano duradouro à integridade do objeto manipulado ou perturbar a ordem natural de seu todo. Jonas

descreve essa realidade mediante sua interpretação de um canto do coral da *Antígona*, de Sófocles.

> O que ali não está dito, mas que estava implícito para aquela época, é a consciência de que, a despeito de toda grandeza de sua engenhosidade, o homem, confrontado com os elementos, continua pequeno: é justamente isso que torna suas incursões naqueles elementos tão audaciosos e lhe permite tolerar sua petulância. Todas as liberdades que ele se permite com os habitantes da terra, do mar e do ar deixam inalterada a natureza abrangentes desses domínios e não prejudicam sua força regeneradora (JONAS, 2011, p. 32).

Com o processo de racionalização moderna, isto é, a técnica associada à ciência, no intuito de colocar a natureza a seu serviço e afastar o fantasma da ambivalência, o homem redimensionou sua força de ação, isto é, nosso agir no mundo tomou uma dimensão causal para além do tempo presente. Sonhos e desejos que anteriormente eram tidos como mera ficção científica se converteram em realidade. Com Jonas é possível afirmar que *"a técnica moderna introduziu ações de tal ordem inédita de grandeza, com tais novos objetos e consequências"* (JONAS, 2011, p. 39), *que a moldura da visão clássica do mundo não consegue mais explicá-la adequadamente*. Assim, Jonas aponta para uma situação ambivalente da modernidade, algo estranho para o ouvido de um adepto da modernidade.

Jonas assevera sua crítica ao afirmar que, se outrora a técnica gozava de neutralidade, hoje não é mais possível pensar assim, pois seu uso já pode influenciar de forma devastadora na ordem natural do mundo. Em sua concepção o homem migrou da condição de dominado à de dominador e recentemente o próprio homem se tornou objeto da técnica. Com isso, chegou-se ao grande fosso entre a capacidade de agir e prever os efeitos desta ação a longo prazo. Diante dessa realidade, a existência de todo o natural e até mesmo do próprio ser humano encontram-se ameaçados de um fim catastrófico. Assim, o projeto moderno de afastar a humanidade da ambivalência, paradoxalmente, chega a uma situação ainda mais ambivalente.

HEURISTICA DO TEMOR: a necessária admissão da contingência

Diante da realidade acima disposta Jonas postula que é preciso dá ouvidos ao mau prognóstico e nos afastar um pouco da visão utopista da modernidade. Sua proposta fundamenta-se na ideia de que o simples fato do homem tomar sob sua responsabilidade seu projeto existencial, não nos garante a certeza com relação a efetivação do bem prometido por essa conquista, menos ainda que ela representará algo sumamente positivo. Na concepção jonasiana, esse contexto de "autonomia", se mostra ambivalente tão quanto, ou até mais, do que o antecedente. Isso pode ser entendido como uma visão realista daquilo que realmente é o saber, isto é, não se trata de algo absoluto, mas algo sempre parcial e nunca total.

> O fato de tomar o seu desenvolvimento em suas próprias mãos, isto é, de substituir o acaso total, que opera lentamente, por um planejamento consciente de rápida eficácia, fiando-se na razão, longe de oferecer ao homem uma perspectiva mais segura de uma evolução bem-sucedida, produz uma incerteza e um perigo totalmente novo (JONAS, 2011, p. 77).

Inicialmente, o exposto na citação acima, pode soar como um fatalismo, mas não se trata disso, antes é um agir prudencial. Estamos diante da heurística do temor, elemento primordial da orientação jonasiana acerca de como devemos nos portar diante dos resultados do processo moderno de racionalização. A ideia de temor, ao invés de medo, é a que mais se adéqua para um esclarecimento da proposta em questão, isso porque a palavra medo não carrega em si uma qualidade heurística, quando por heurístico se entende a capacidade de pressentir – temer além do provável. Nesse sentido, entende-se que a ideia que subjaz na heurística do temor diz respeito a uma necessária prudência no agir.

O raciocino de Jonas pode ser resumindo da seguinte forma: alcançamos um poder jamais obtido por outras gerações passadas, mas somos incapazes de elaborar um diagnóstico preciso das consequências do uso desse poder. Para Jonas, em uma situação como tal, logicamente, as possibilidades de erro são infinitamente maiores do que as de acerto. Assim podemos inferir que em Jonas há um patente desejo de por em relevo a necessária aceitação da ambivalência. Ele o faz por entender que a negação da mesma

produziu os horrores da guerra e dos campos de concentração. Reconhecê-la, seria hoje, no entendimento de Jonas, uma saída absolutamente necessária para a preservação da existência humana e extra-humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bauman e Jonas oferecem uma contribuição de grande valia para um melhor entendimento de algumas nuances do processo de racionalização Ocidental. De acordo com o exposto acima, os dois filósofos em questão apontam para os ricos e limites produzidos pela racionalidade moderna. Ambos mediante uma crítica um tanto quanto negativa colocam em relevo a inviabilidade e a falência do projeto moderno de negação absoluta da ambivalência. Dessa forma é possível afirmar que existem linhas de convergências entre a leitura da modernidade dos filósofos em questão.

Para Bauman a negação sistemática da ambivalência é uma marca característica fundamental da modernidade Ocidental. Essa negação se dá mediante a contraposição entre ordem e caos, no intuito de estabelecer o reino da primeira em detrimento do segundo. No entanto, segundo Bauman, o projeto de afastar a humanidade de qualquer realidade ambivalente, sofre de uma contradição interna. Em sua concepção, a ordem buscada em detrimento do caos diz respeito a algo irrealizável, pelo simples fato de que é o caos que possibilita a ideia, ou melhor, o desejo da ordem. Assim, nota-se uma relação dialética entre essas duas realidades. Nesse sentido para que uma se efetive, a outra se torna imprescindível, de tal forma que, a inexistência de uma implica na ausência da outra.

Quanto a Jonas, o mesmo aponta a situação limite para a qual nos levou o projeto de superação da ambivalência. De modo particular Jonas identifica esse processo de racionalização Ocidental na associação da técnica com a ciência, evento iminentemente moderno. Segundo ele, mediante essa associação o homem chegou a um domínio da natureza jamais alcançado antes e, em uma fase bem mais recente, o próprio homem se tornou objeto da técnica. Na concepção de Jonas essa situação limite se mostra paradoxal,

pois a mesma nos levou a uma realidade ainda mais ambivalente do que aquela que colocou o projeto moderno em movimento.

Nesse sentido, fica evidente que tanto no pensamento filosófico de Bauman quanto no de Jonas há uma crítica negativa ao processo de racionalização Ocidental. Ambos postulam que o projeto moderno de negação da ambivalência incorre em contradições. Enquanto Bauman identifica uma contradição interna que inviabiliza a efetivação da superação da contingência, Jonas coloca em relevo o fato de que a corrida em direção contrária a ambivalência, levou o homem ao encontro de uma situação ainda mais ambivalente. Assim, com a identificação dessa situação paradoxal na qual se colocou a modernidade, os dois filósofos em questão postulam a irrefutabilidade e a necessária aceitação da contingência. Essa aceitação não seria a partir de uma mentalidade fatalista, muito menos de que ela seja um mal necessário, mas mediante uma compreensão de que a ambivalência é parte constitutiva da existência.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Wellington Lima; SILVA, Everaldo da. **TECHNÉ, TÉCNICA E OS SEUS DISPOSITIVOS TÉCNICOS**: A MERCANTILIZAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS. Disponível em: http://www.congressoits.unifebe.edu.br/anais/ITS2012-08.pdf. Acesso em: 20 de maio 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade e Holocausto**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAZZANELLA, Sandro Luiz. **O conceito de ambivalência em Zygmunt Bauman**. Disponível em: http://www.unc.br/mestrado/docs/BAZZANELLA_Sandro_Luiz_-_O_Conceito_de_ambivalencia_em_Zygmunt_Bauman.pdf. Acesso em: 20 de maio 2016.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011.

_____. **O princípio vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Tradução de Carlos Almeida Pereira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Joelson; MORETTO, geovani; SGANZERLA, Anor. **Vida, técnica e responsabilidade**. São Paulo: Paulus, 2015.

SILVA, Everaldo da. **A atuação do movimento sindical frente ao processo de falência. Os casos dos sindicatos dos mineiros/Criciúma e trabalhadores têxteis/Blumenau**. 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2005.